

CRIANÇA, PRIORIDADE ABSOLUTA NO REINO DE DEUS



UMA LEITURA CRÍTICA A PARTIR DA CRIANÇA

Frei Carlos Mesters

BIBLIOTECA
PASTORAL DO MENOR
SUL 1

CADERNOS DE FORMAÇÃO Nº 8

Apoio:

 **COLÉGIO
CATARINENSE**

SOCIEDADE ANTÔNIO VIEIRA

Rua Esteves Júnior, 711 - CP 135 - Fone/Fax: (048) 224-9190
88010-970 - Florianópolis - Santa Catarina



Fundação Fé e Alegria do Brasil
Largo São Sebastião, 88
Fone: (048) 222-2467
88015-560 Florianópolis - Santa Catarina

BIBLIOTECA
PASTORAL DO MENOR
SUL 1

APRESENTAÇÃO

Já tem acontecido de se ler a Bíblia a partir da criança. O enfoque aqui apresentado é o da criança e da mulher. Da mulher por causa da sua ligação com a criança. Da criança porque ela é prioridade absoluta no Reino de Deus. Neste final de milênio, acentua-se o papel da mulher na educação e na construção de uma sociedade nova. Neste sentido a contribuição desse texto é inegável.

O autor, Frei Carlos Mesters, O. Carm., é muito conhecido pelo seu trabalho na área bíblica, principalmente no CEBI e no Projeto "Tua Palavra é vida", além da série de publicações relacionadas no final da presente obra.

O tema deste livro foi apresentado por Frei Carlos na II Assembléia Nacional da Pastoral do Menor, realizada no Centro Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, Arquiocese de Mariana, Minas Gerais, no período de 15 a 20 de março de 1996.

Dada a riqueza e importância do trabalho, que orientou a reflexão no momento do JULGAR, o autor autorizou a Pastoral do Menor, sua posterior divulgação.

Frei Carlos desde 1986 vem sendo convidado pela Pastoral do Menor a refletir sobre o tema da Criança na Bíblia. É uma alegria para a Pastoral do Menor promover a divulgação do texto, o que fizemos parafraseando o autor, que evoca D. Luciano Mendes de Almeida:

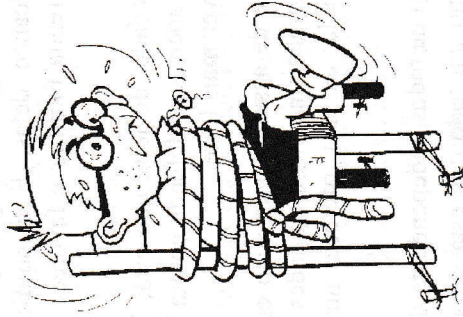
**"Quem vai redimir o povo é a criança, acolhida
pela comunidade em clima de festa.
A criança não é problema, ela é solução!"**



1- O PONTO DE PARTIDA A SITUAÇÃO DA CRIANÇA NO BRASIL:

DESAFIO E APELO

Desde o Vaticano II e sobretudo desde Medellín e Puebla, ocorreu uma evolução importante na Igreja Católica. Diante da situação dramática dos índios, criou-se o CIMI. Diante da situação cada vez pior dos agricultores, criou-se a CPT. Diante da situação dos operários, criou-se a CPO. Diante da situação dos pescadores, criou-se a CPP. São instrumentos novos de pastoral que ajudam estas classes e grupos de pessoas a defender melhor sua vida, sua terra, seus direitos, sua identidade. Eles têm em comum o seguinte: surgiram por causa da fé renovada em Jesus e, como Jesus, defendem a vida, são ecumênicos, incomodam a sociedade estabelecida, provocam polêmica.



Houve, além disso, uma evolução no uso destes novos instrumentos. No início, por causa da dureza da situação, se fazia um trabalho **para**. Insistia-se na **denúncia**. Depois, aos poucos, surgiu um trabalho **com**. Insistia-se na ajuda mútua e na **solidariedade**. Atualmente, sem abandonar estas duas linhas, a insistência é num trabalho **de**, e aqui a contribuição das igrejas é mais na linha da **mística**.

Tudo isto revela a evolução que está ocorrendo na consciência que as Igrejas têm de si mesmas e da sua missão: lutar pela defesa da vida ameaçada do povo. Elas imitam a Jesus que disse: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância"(Jo 10,10).

Foi a situação dramática dos índios, operários, agricultores e pescadores, que levou à criação destes novos instrumentos da Pastoral. Agora, é a situação dramática da criança e do adolescente que está levando à criação de uma nova ação Pastoral. São milhões de crianças abandonadas, marginalizadas ou carentes no Brasil. O número continua aumentando! Previsão de um futuro terrível, tanto para elas como para todos nós!

São sobretudo três coisas que chamam a atenção, quando se analisa esta situação em vista de uma solução:

1. **O despreparo total das famílias para poder enfrentar o problema.** Pois a causa principal está fora do alcance delas. É a política econômica que produz a insuficiência da renda familiar e favorece o êxodo rural.
2. **A desintegração do tecido social.** A sociedade, do jeito que está, já não é capaz de enfrentar o problema. Ela apenas se defende contra o menor através de um aparato policial cada vez mais forte.
3. **Uma ausência de vida comunitária** capaz de assumir uma ação em contrário para reverter a situação. Faltam organismos, comunidades e famílias que possam acolher o menor, ajudar os pais, oferecer uma saída.

Esta situação tornou-se um apelo à consciência de todos, independente do fato de a pessoa ser crente ou atéia. É o povo como um todo que está sendo questionado. Mas a situação da criança tornou-se um apelo sobretudo para a consciência cristã. Pois Jesus disse: "O que você fez para um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fez?" (Mt 25,40). Para Jesus, a criança é sacramento do reino. Ela tem prioridade absoluta. Com estas questões na mente vamos abrir a Bíblia.

2. A SITUAÇÃO DA CRIANÇA NA ÉPOCA DO ANTIGO TESTAMENTO

Foi a luta de quatro mulheres em defesa da vida ameaçada das crianças que desencadeou o êxodo. A Bíblia conservou os nomes delas: Sefra e Fua, as parteiras (Ex 1, 15), Jocabed e Miriam, a mãe e a irmã de Moisés (Ex 6,20; 15,20). Elas tiveram a coragem de iniciar a resistência contra o sistema do faraó que tinha decretado o extermínio dos meninos.

O contexto mais amplo da luta destas mulheres era o seguinte: Palestina, a terra de Canaã, pertencia ao império egípcio. O faraó controlava a região através do tributo, do exército e da ideologia que ensinava o Rei ser filho de Deus. Controle sólido! Já tinha mais de 500 anos! Na Palestina, os reis locais, tanto os assim chamados *Reis de Canaã* como os Reis de Israel e de Judá, reproduziam o mesmo sistema em escala local.

Dentro deste mundo, qual era a situação da criança? Alguns fatos registrados na Bíblia ajudam a ter uma idéia do contexto em que aconteceu a luta destas quatro mulheres. Vamos enumerar oito pontos, ligados entre si como oito galhos nascidos do mesmo tronco, da mesma raiz

1. *Sacrifícios de fundação.*

Quando alguém construía uma casa, um palácio, um templo ou uma cidade, costumava sacrificar um filho para que fosse enterrado debaixo das fundações. Era assim que a religião de Canaã procurava a proteção dos deuses



para a casa, o palácio, o templo ou a cidade. Por isso, a cidade de Jericó foi reconstruída "pelo preço" de duas crianças (1Rs 16,34).

2. *Sacrifícios humanos.*

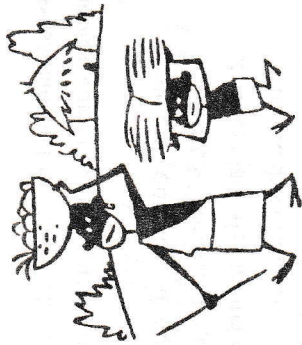
Em épocas de crise, guerra ou desastre total, costumavam sacrificar algum filho pequeno para apaziguar a ira dos deuses. Este costume cananeu penetrou na vida do povo hebreu, cujos reis faziam "passar seus filhos pelo fogo" (2Rs 16,2-3; 21,6; 23, 10; Is 30,33; Jr 7,31; 19,5; 32,35; Ez 16,21; Lv 20,2-5; 18,21). No oráculo sobre os Montes de Israel, Ezequiel chega a dizer: "Tu és uma devoradora de homens, tu privas de filhos a tua nação!" (Ez 36,13). Chegaram a fazer sacrifícios humanos no próprio Templo de Jerusalém (Jr 7,6).

3. *Controle da população.*

Com medo do crescimento numérico dos hebreus, o Faraó decretou a morte dos meninos (Ex 1,16.22). O poder do rei sobre os súditos era absoluto, poder de vida e de morte. As meninas podiam viver (Ex 1,16). Alguns vêem nisto uma discriminação. O destino da mulher era gerar filhos para o opressor e dar prazer ao seu senhor.

4. *O culto da fertilidade.*

Era um culto cananeu, promovido pelo poder público. Favorecia o acesso à divindade através do contato com prostitutas sagradas, aumentava o número dos filhos para trabalhar e guerrear a serviço do rei e, assim, produzia crianças abandonadas. Além de desvirtuar o sentido do divino, este culto desintegrava o sentido do humano. A vida do profeta Oséias é um exemplo concreto de como este culto marginalizava a mulher e desintegrava as famílias. O nome simbólico das crianças indica a situação de abandono: *Lo-Ruhamah*, Sem-misericórdia; *Lo-Ammi*, Não-meu-povo (Os 1,6-9).



5. *Filhos e filhas como escravos e escravas.*

A pobreza obrigava os agricultores endividados a vender seus filhos e suas filhas como escravos e escravas. Estes deviam trabalhar para o credor, durante tanto tempo quanto fosse necessário para pagar as dívidas (Ex 21,7; Ne 5,1-5). Na época do exílio, a escravização foi total, do povo inteiro, mas a maior vítima era a juventude (Lm 5,13-15). Depois do exílio, continuava a situação de cativo que obrigava os pobres a vender seus filhos e filhas como escravos e escravas (Ne 5,1-5).

6. *Viúvas e órfãos.*

A influência da monarquia contribuiu para o enfraquecimento do sistema tribal e a desintegração do clã, da grande família. Por isso, começavam a aparecer os pobres, as viúvas e os órfãos (Ex 22,21). As muitas guerras só faziam aumentar o número deles. Os órfãos e as viúvas não tinham quem os acolhessem ou ajudassem (Is 1,17.23; 10,2). Viviam abandonados, entregues à caridade (Ex 22,7). O povo já não dava conta de garantir uma vida digna para todos, como o exigia a Lei (Dt 15,4).

7. *Marginalização da mulher.*

A marginalização da mulher acentuou-se sobretudo depois do exílio. A mulher era excluída de toda a atividade pública. O que mais contribuiu para a sua marginalização foi a lei da pureza. A mulher era considerada impura por ser mãe, por ser esposa, por ser filha, por ser mulher (Lv 12, 1-5; 12,2-4; 15,18). Junto com a mãe ficavam marginalizadas as filhas e os filhos pequenos!

8. *Desintegração da vida.*

Durante o cerco de Samaria, a situação de fome chegou ao ponto de duas mulheres combinarem entre si de matar e comer seus próprios filhos. Comeram o filho da primeira. Mas a segunda não manteve a promessa. Aí, a primeira recorreu ao rei, para que ele obrigasse a outra a cumprir o prometido (2Rs 6,24-32). A mesma desintegração da vida apareceu durante o cerco de Jerusalém. As Lamentações de Jeremias falam de crianças famintas, abandonadas,

assassinadas (Lm 1,5.15.18; 2,11-12.19), e de mães que chegaram ao ponto de matar e comer seus próprios filhos (Lm 2,20; 4,10).

Este é o contexto, em que o povo de Deus era obrigado a viver e conviver:

1. Situação opressiva, gerada por uma falsa concepção de Deus e da vida.
2. Sociedade desumana e abortiva que gerava marginalização, abandono e morte das crianças.
3. Legitimada pela religião oficial.
4. Mantida através da marginalização da mulher e da desintegração da família e do clã.
5. A ideologia dominante fazia todo mundo pensar assim.
6. Humanamente falando, não havia saída.

Frente a este sistema idólatra de morte, a reação do povo de Deus foi de enfrentamento e de luta constante. Não do povo todo, pois, como vimos, a ideologia dominante tinha minado a resistência e encontrava seus defensores até entre os próprios Reis e Sacerdotes de Israel. Também hoje entre nós, apesar de todo mundo ser cristão, muita gente apoiou o militar aposentado que matou o menor Joílson a pontapé na praça da Sé em São Paulo. Muita gente aprova os policiais que mataram as crianças na Candelária no Rio de Janeiro.

Porém, tanto na Bíblia como hoje, uma minoria profética nunca aceitou nem aceita a ideologia dominante e sempre lutará em defesa da vida ameaçada das crianças. Na Bíblia, esta minoria soube encontrar os instrumentos adequados para conduzir a luta e obter algum resultado. Foi a *fé em Javé* e o *amor à vida* que foram capazes de abrir uma brecha nesta muralha impenetrável e de encontrar uma saída. É o que vamos ver agora.

3. AMOR À VIDA E FÉ EM DEUS A FONTE DA MÍSTICA QUE ANIMA A DEFESA DA VIDA DAS CRIANÇAS

1. O Início: História e Símbolo

É bom lembrar sempre que o êxodo do povo de Deus começou com a defesa da vida ameaçada das crianças! Foram quatro mulheres que, para defender a vida dos meninos condenados à morte, começaram a reagir contra o sistema do faraó. A história destas mulheres, narrada bem no começo do livro do êxodo (Ex 1,15-22 e 2,1-10), era relida e transmitida de geração em geração. Fazia parte da memória do povo. Era narrada com muito carinho, pois o povo conservou até os nomes delas. Sempre de novo, nas reuniões e celebrações, ao longo dos séculos, esta história era lembrada e atualizada, para despertar a consciência e provocar nos ouvintes a mesma ação em defesa da vida ameaçada das crianças. Por isso, a história tornou-se símbolo, isto é, espelho crítico daquilo que o povo deve ser. Hoje temos tantas histórias bonitas do mesmo tipo que poderiam ser lembradas e narradas, de geração em geração, para despertar nova consciência em nós!

2. A motivação que anima a luta em defesa da criança

Conforme a narração, o que motivou Sefra e Fua, Jacobed e Miriam para iniciar a luta em defesa da vida ameaçada das crianças, foram o amor à vida e o temor de Deus.

Amor à vida, pois eram parteiras, eram mãe e irmã (Ex 1,15; 2,1.6). *Temor de Deus* (Ex 1,17), pois tiveram participação na nova experiência de Deus que rompeu com a ideologia dominante da "Escola do Faraó". Descobriram e



experimentaram que Deus é JAVÉ, isto é, presença gratuita e libertadora junto dos oprimidos (Ex 3,11-15). Como em Moisés, assim nelas, o sangue e a fé foram mais fortes que a ideologia (Ex 2,11-12). Esta dupla experiência, tanto de Deus como da vida, dava ao povo a luz para perceber a falsidade da religião que legitimava o extermínio dos menores tanto no Egito como em Israel, e a coragem para desobedecer às ordens expressas tanto do Faraó como dos Reis.

3. *Aquilo que o espelho da narração quer despertar no povo que nele olhava*

Quem conta um conto aumenta um ponto. Aumenta de acordo com a finalidade que o narrador tem em mente. Como tantos de nós hoje em dia, aquelas quatro mulheres não tinham uma visão completa do sistema. O que tinham era um grande *amor à vida e aos filhos* e um enorme *temor a Deus* (Ex 1,17). Por causa disso tiveram a coragem de desobedecer à ordem do faraó e conseguiram ter uma incrível astúcia e criatividade: organizam-se entre si, não têm medo de esconder a verdade ao Faraó (Ex 1,19), conhecem a situação, sabem quando a filha do Faraó vai tomar banho no rio (Ex 2,3-7). Elas chegam ao ponto de fazer o faraó pagar à mãe para ela criar o próprio filho (Ex 2,9).

E assim, cada vez de novo, durante toda a história do povo de Deus, são sempre a fé em Deus e o amor à vida, que levam as pessoas a recomençar a luta em defesa da vida ameaçada da criança.

4. **NOVA EXPERIÊNCIA DE DEUS NOVA EXPERIÊNCIA DA VIDA**

De um lado, a nova experiência da vida que o povo hebreu foi tendo em contato com Javé, levou-o a condenar as práticas religiosas que causavam a morte das crianças. De outro lado, a nova experiência de Deus que ele foi tendo em contato com a vida, levou-o a condenar as imagens de Deus que não respeitavam a vida. Vamos ver alguns episódios relacionados com a defesa da vida da criança. Trata-se de histórias antigas com um grande valor simbólico, que funcionavam mais como espelho do que como janela. Elas nos revelam os traços do rosto de Deus que acordava no povo através da luta em defesa das crianças. Ao mesmo tempo, deixam transparecer os vários aspectos do contexto desta luta: econômico, social, familiar, político, jurídico, ideológico, religioso, cultural,....

1. **“Deus ouviu os gritos da criança do jeito que ela está aí” (Gn 21,17.19)**



Uma certeza percorre a Bíblia de ponta a ponta, a saber, Deus escuta o clamor do povo oprimido (Ex 2,23-25; 3,7-8). O clamor do pobre, do pequeno, é o outro lado do apelo de Deus. Dentro deste contexto, adquire um sentido especial a história de Agar (Gn 21,8-21). Marginalizada e expulsa por Sara, sua patroa, Agar anda errante pelo deserto, carregando seu filho Ismael. Sem recursos, sem comida, não sabendo como enfrentar a situação, coloca o menino debaixo de uma árvore e se afasta: “Não

quero ver morrer a criança!” (Gn 21,16). Sentou-se e começou a chorar e gritar. Mãe e criança choram! Aparece um anjo de Deus que diz: “O que é isso, Agar? Não tenha medo não! *Deus ouviu os gritos da criança do jeito que ela está aí*”

(Gn 21,17). O anjo mandou que ela levantasse o menino e o segurasse com firmeza. Em seguida, assim diz o texto, “Deus abriu os olhos de Agar”, e ela, de repente, enxergou um poço com água que antes não via (Gn 21,19). Imediatamente, se animou e começou a encontrar os meios para alimentar o menino e sobreviver (Gn 21, 19). E o menino cresceu, lá mesmo no deserto, e se tornou uma nação forte (Gn 21, 20-21).

A maior tentação é querer enquadrar Deus e reduzi-lo a uma peça dentro do sistema que nós mesmos montamos. Foi o que fizeram o faraó e os reis. Foi o que fez Sara, ao expulsar Agar. Tentou assegurar *toda* a herança só para Isaque (Gn 21, 10). Mas a fonte renasceu em Agar! Apesar de expulsar do meio do povo, ela teve uma visão de Deus (Gn 16, 7-16) e reencontrou os meios para defender a vida da criança. “Deus esteve com o menino, e o menino cresceu” (Gn 21,20). Quando em épocas de crise a imagem tradicional de Deus já não diz mais nada ou quando ela é ofuscada pela imagem manipulada da ideologia dominante, aí sempre aparece uma minoria incômoda, feita de viúvas como Rute, de mães solteiras como Agar, de parceiras como Fua e Sefra ou de escravos fugitivos como Moisés, que reencontram a entrada da fonte, desobstruem o acesso e redescobrem que Deus é Javé, aquele que escuta o clamor, que está com os oprimidos e que defende a vida ameaçada das crianças, provocando a raiva tanto dos Reis como dos Sacerdotes do Templo. A fé neste Deus, sempre de novo, faz renascer a esperança e traz luz para descobrir novas saídas.

Uma experiência de Deus no meio do desterro e do abandono! Qual o seu efeito na vida?

1. Deus escuta o clamor da criança do jeito que ela se encontra, abandonada, quase à morte!
2. Faz com que Agar, escrava e mãe solteira, se restabeleça e se anime.
3. Abre os olhos e faz enxergar os meios de vida mesmo no deserto onde só existem desolação e morte.
4. Provoca iniciativas que fazem a criança crescer, não no ambiente de onde foi expulsada por Sara, mas sim no ambiente onde ela vive abandonada. Sinal de muita criatividade!

2. “Abraão! Não estenda a mão contra o menino!” (Gn 22,12)

Inicialmente, na época dos Reis, a história do sacrifício de Isaque (Gn 22,1-19) era narrada como uma alerta contra o costume dos cananeus de matar os filhos. A narração deixa transparecer como era forte a tentação de sacrificar os filhos em nome de Deus. Ela apresenta Abraão seguindo uma inspiração religiosa, obedecendo a um apelo de Deus que pedia o sacrifício do filho. No último momento, porém, o narrador faz saber que o Deus de Israel não quer esta morte (Gn 22,12). Ele condena as matanças de crianças que ocorriam em Israel (2Rs 16,3.34). Assim, a história apresenta Abraão, o pai do povo, como modelo a lutar em defesa da vida ameaçada da criança.

Mais tarde, depois do exílio, quando a tentação da religião dos cananeus já não existia mais, esta história foi reutilizada como tijolo velho numa parede nova. Agora, no atual contexto da Bíblia, ela serve para apresentar Abraão como modelo de fé: crer até o ponto de admitir que seja possível nascer vida de própria morte! (Hb 11,19) Mas tanto antes como depois do exílio, o Deus de Israel, o nosso Deus, sempre se revela como o Deus da vida. Na atual situação nossa, aqui no Brasil, com vinte e cinco milhões ou mais crianças e adolescentes abandonados, carentes ou marginalizados, quem não se tiver esta fé na vida criada por Deus, pode até desanimar de lutar!

3. “Não maltrate a viúva nem o órfão” (Ex 22,22)

Uma consequência imediata da fé em Javé, o Deus da vida, é atender às necessidades dos *órfãos* e *viúvas*. No Código da Aliança, uma das leis mais antigas, se diz: “Não afligireis a nenhuma viúva ou órfão. Se o afligires e ele clamar a mim, eu escutarei o seu clamor. Minha ira se inflamará e vos farei perecer pela espada: vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos órfãos” (Ex 22,21-23). Ou seja, uma sociedade que não cuida da sua juventude, recebe o troco. Ela cava sua própria ruína. O Código da Aliança não deixa dúvida. Se a criança pobre clamar, e se você for a causa deste clamor, Deus vai atender ao clamor da criança e da mãe, e toma a sua defesa. Ele defende os direitos do pobre.

No livro do Deuteronômio acentua-se esta preocupação com os órfãos e as viúvas. O dizimo que se paga é para eles (Dt 14,29; cf 24,19-21; 26,12-13).

Eles devem poder participar das festas e alegrar-se com o povo (Dt 16,11.14). Pois Javé, é um Deus que faz justiça aos órfãos e às viúvas (Dt 10,18). A lei do Deuteronomio maldiz todo aquele que perverte o direito do órfão e da viúva (Dt 27,19). Nos salmos Deus é chamado "Pai dos órfãos, justiciero das viúvas" (Sl 68,6).

4. "Honra teu pai e tua mãe" (Ex 20,12)

O outro lado da fé em Javé é o compromisso concreto com uma convivência humana que se orienta pelos Dez Mandamentos. Os Dez Mandamentos exprimem a nova organização que nasce quando se acredita em Javé. Eles são a *Constituição do Povo de Deus*. O gancho, muitas vezes esquecido, onde estão pendurados estes Mandamentos são a solene afirmação de Deus que diz: "Eu sou Javé, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (Ex 20, 2). É para impedir o retorno para a *casa da escravidão* que o povo deve observar os Dez Mandamentos. Ele deve viver em estado permanente de Êxodo!

O quarto Mandamento diz: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Deus te dará" (Ex 20,12). Não pede para obedecer aos Reis, nem ao Governo, nem aos sacerdotes, nem às autoridades locais ou regionais, nem mesmo aos pais, mas sim ao *teu pai* e à *tua mãe*. Valoriza a mãe, a mulher, ao lado do pai, o homem. Os dois estão em pé de igualdade. Deste modo, o quarto mandamento assegura o ambiente de vida, onde as crianças possam crescer em harmonia e ter um futuro garantido. Ele procura reforçar o núcleo básico da sociedade que é a família, o clã, a comunidade, para, assim, garantir a posse da terra: "Para que se prolonguem teus dias na terra que Deus te dará" (Ex 20,12). Deste modo, o quarto mandamento contribui para evitar a formação do latifúndio e manter o poder descentralizado, espalhado pelas tribos e clãs.

5. "Terei compaixão da criança 'Não-Compadecida'" (Os 2,25)

O livro de Oséias traz o seguinte oráculo em que Deus se dirige ao povo: "Eu vou casar com você para sempre, vou casar com você na justiça e no direito, no amor e na ternura, vou casar com você na fidelidade, e você terá experiência de Javé" (Os 2,21-22). Esta frase tão bonita, colocada na boca de Javé, exprime o que Oséias, ele mesmo, estava tentando viver no

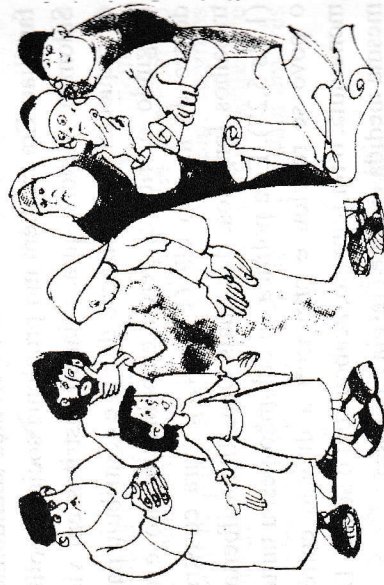
relacionamento com a sua esposa Gomer (Os 1,3) e com as crianças abandonadas, *Lo-Ruhamah*, Sem-misericórdia, e *Lo-Ammi*, Não-meu-povo (Os 1,6-9).

Como vimos, o culto de fertilidade tinha desintegrado a vida familiar de Oséias. A desgraça que se abateu sobre a vida deste homem era uma amostra do que estava acontecendo no País. Tanto sua mulher como as crianças, ambas foram marginalizadas pelo sistema idólatra de morte em que viviam. Mas Oséias pela força do seu amor gratuito e desinteressado, conseguiu que Gomer abandonasse o culto da fertilidade e que as crianças fossem acolhidas. Gomer voltou a ser sua esposa com a mesma dignidade de antes (Os 2,18-19). O filho *Lo-Ruhamah*, Sem misericórdia, é novamente o *Amado*, e a filha *Lo-Ammi*, Não-meu-povo, é novamente *Povo de Deus* (Os 2,25).

Esta experiência familiar e profundamente humana da força do amor fez com que Oséias redescobrisse o poder regenerador do amor de Deus. Tudo isto foi nele um apelo que o fez descobrir sua vocação como profeta.

6. A defesa do clã, da família, da comunidade

Saindo do Egito, ainda no deserto, o povo tinha começado a criar um novo sistema de convivência, diferente do sistema do faraó e dos reis. E o fez em nome da sua fé em Javé que o tirou do Egito. No centro desta nova convivência estava o clã, a comunidade, a grande família. Resumindo, se pode dizer que a função do clã, da comunidade, era a seguinte: impedir o latifúndio e a concentração do poder, garantir a posse da terra e promover a partilha dos bens, tomar a defesa das famílias e das pessoas e garantir o acolhimento e a sobrevivência dos órfãos e das viúvas. O clã era o guardião das tradições e dos costumes, conservava a



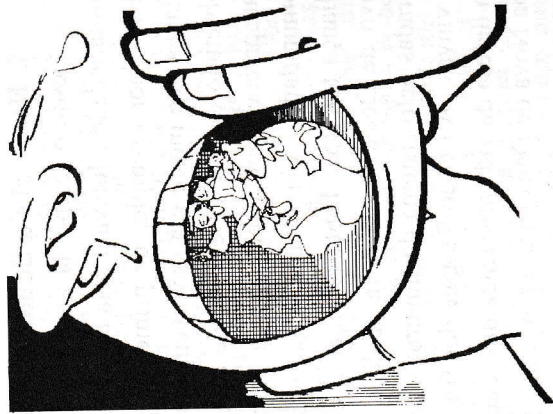
memória do povo e era fonte de identidade. Ele era a mediação da Aliança do povo com Javé.

No decorrer da história, todas as vezes que enfraquecia a fé em Javé, enfraquecia também o clã, a comunidade. A desintegração do clã deixava as famílias sem defesa e o sistema opressor se fortalecia. Todas as vezes, porém, que se renovava a fé em Javé, crescia a comunidade, o clã. As tentativas de renovação sempre recomaçavam pelo fortalecimento do clã, da comunidade. Esta é uma constante que marca a história do povo de Deus. Até hoje!

Por causa deste seu modo de conviver, tão diferente do sistema dos reis e do faraó, o povo de Israel se tornou uma Boa Nova de JAVÉ para os povos oprimidos da época. Durante uns duzentos anos, isto é, durante o período dos Juízes, eles tentaram viver este ideal no alto das montanhas da Palestina. Foi uma amostra do Reino, que ficou na memória do povo como uma eterna saudade a ser transformada em esperança! As histórias sempre lembradas e atualizadas das parteiras, de Abraão, de Agar e tantas outras faziam parte desta esperança.

Por isso, o problema da criança abandonada não era apenas um problema familiar. Era também um problema social e político. Por exemplo, no tempo de Salomão, a monarquia, criando distritos em vista da cobrança dos impostos, enfraqueceu a organização do clã e contribuiu para a desigualdade das famílias. Exigindo o tributo, gerou empobrecimento e desigualdade entre as famílias dentro do mesmo clã (1 Rs 4,7). Para construir o Templo, reintroduziu os trabalhos forçados, dos quais Deus tinha libertado o povo, tirando-o do Egito (1 Rs 5,27). Esta política de Salomão pesou tanto, que já no fim do seu reinado o povo se rebelou e provocou a divisão entre Israel e Judá (1Rs 12,4). A monarquia, o rei humano, acabou com o sonho. Deixou a saudade que crescia na mesma medida em que crescia a opressão.

5. A LUTA DOS PROFETAS POR UMA SOCIEDADE QUE DEFENDE A VIDA



Este parágrafo sobre a luta dos profetas é resumido e incompleto. Serve apenas para fazer perceber que a defesa da vida ameaçada da criança fazia parte de uma luta mais ampla! A ideologia do Faraó e dos Reis era uma ameaça constante para a nova maneira de se viver a aliança e de se conviver com o que estava nascendo no povo através da fé em Javé. As guerras e as repressões dos reis geravam desigualdade, empobrecimento e endividamento. Por isso, começavam a aparecer os pobres, as viúvas, os órfãos, os estrangeiros. Sinal de que a Aliança estava quebrada!

Os profetas são a consciência crítica da nação. Neles acorda a memória do povo. Diante da situação do pobre, do órfão, do menor, eles percebem o apelo de Deus e dão o grito de alarme para despertar a nação. Eles enfrentam os reis. Muito do que vimos no parágrafo anterior já é fruto da luta dos profetas e faz parte da releitura que eles faziam da história. Os profetas atuavam em três níveis parconsertar a vida e refazer a aliança:

1. No nível da Justiça: para transformar a Sociedade

Os profetas não se limitavam a condenar o abuso contra as crianças e os jovens, mas se engajavam na luta por uma convivência social mais segura, em que a vida de todos fosse respeitada. A seu modo, faziam análise da sociedade e apontavam caminhos para renová-la. Sem medo, condenavam os reis por causa

¹ o que seque neste parágrafo é um resumo do que escrevi em "Os profetas e a saúde do povo", CEBI, 1986.

dos sacrifícios das crianças, denunciavam os exploradores, apontavam as causas da injustiça, enfrentavam os poderosos, cobravam deles a observância da Lei e da Aliança, assumiam a defesa dos excluídos e marginalizados, sobretudo dos órfãos e viúvas e lutavam para criar novas leis que pudessem garantir uma vida digna a todo o povo.

2. No nível da Solidariedade: para renovar a Comunidade

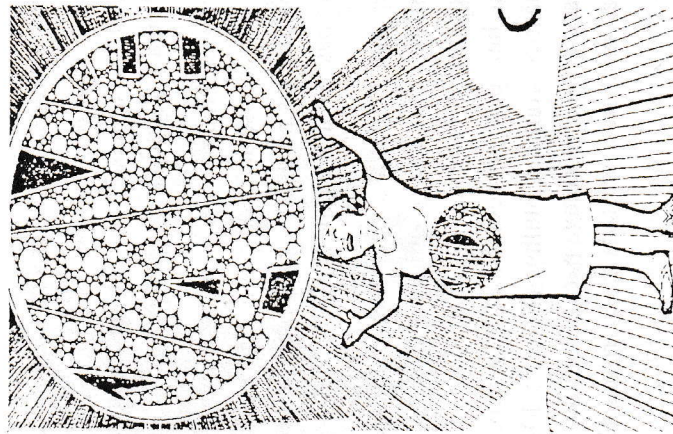
Desde o tempo da monarquia, os profetas atuavam também no nível da solidariedade e lutavam pela renovação do clã e pela defesa das famílias. Elias e Eliseu, por exemplo, os primeiros profetas, ambos defendem a vida de uma criança que morre e a devolvem à mãe viúva (1Rs 17, 17-24; 2Rs 4,18-34). É sobretudo depois do exílio que a luta neste nível se acentua. O seu resultado transparece, por exemplo, na legislação deuteronomista. Esta interpela a comunidade, o clã, e faz um apelo para que ele seja novamente uma amostra da Aliança (Dt 15). Tenta reforçar o clã para que ele seja novamente a base do povo de Deus. O clã deve acolher as vítimas das injustiças e desigualdades, geradas pelo sistema do Império Babilônico e Persa. Deve socorrer os órfãos e as viúvas. A Lei do Resgate dos filhos escravizados é fruto da luta dos profetas em defesa da vida ameaçada das crianças. Só assim a comunidade será a grande Boa Nova de Deus para o povo, a expressão da Aliança, o Servo de Javé para a humanidade sofrida.

3. No nível da Mística: para despertar a consciência

Os profetas animavam os que se comprometiam, tentavam mudar a ideologia e procuravam influir sobre a consciência. Queriam criar um novo começo que superasse a dependência e a apatia. Insistiam na busca de Javé, lembravam o passado. A certeza de Deus-Conosco era fonte de luz e de coragem para a caminhada. Criavam nova consciência de missão: ser Servo. Despertavam forças adormecidas e desconhecidas dentro do povo e dos indivíduos. Sobre tudo os discípulos e discípulas de Isaías, que viviam com o povo no desterro do exílio, souberam despertar e aprofundar este nível da mística. A nova experiência de Deus levou-os a comparar Deus com a mãe que acalenta e abraça com muita ternura seus filhos (Is 66,10-13; 49,15-16). Denunciavam a mortalidade infantil e lutavam por saúde sólida para todos (Is 65,20)

6.

A DEFESA DA MULHER MARGINALIZADA



A marginalização da mulher era e é uma das causas principais da marginalização das crianças. A mulher era marginalizada por ser mãe, por ser esposa, por ser filha, por ser mulher. Por ser mãe: dando a luz, ela se torna impura (Lv 12,1-5). Por ser filha: o filho que nasce traz 40 dias de impureza, mas a filha, 80 dias! (Lv 12,2-5). Por ser esposa: a relação sexual a torna impura durante um dia (Lv 15,18). Por ser mulher: a menstruação a torna impura durante sete dias, e causa impureza nos outros (Lv 15,19-30). Estas e outras leis tornavam insupportável a convivência diária em casa. Mãe e filhos pequenos viviam marginalizados.

Desde os tempos mais remotos, houve reações contrárias. O povo conservou a memória destes atos de resistência. Agar, rejeitada por Sara e Abraão mas aceita por Deus (Gn 16,1-15; 21,1-20). Sefra e Fua, as duas parteiras (Ex 1,15-22). Miriam, irmã de Moisés, que convoca as mulheres para cantar e animar a caminhada do povo (Ex 15,19-21); e outras. Nestas histórias transparece a inconformidade com a exclusão da mulher. O mesmo valor de semente de resistência anima por dentro as primeiras páginas da Bíblia, onde se afirma a igualdade do homem e da mulher como imagem de Deus (Gn 1,27), e como companheiros que formam uma só carne (Gn 2,23).

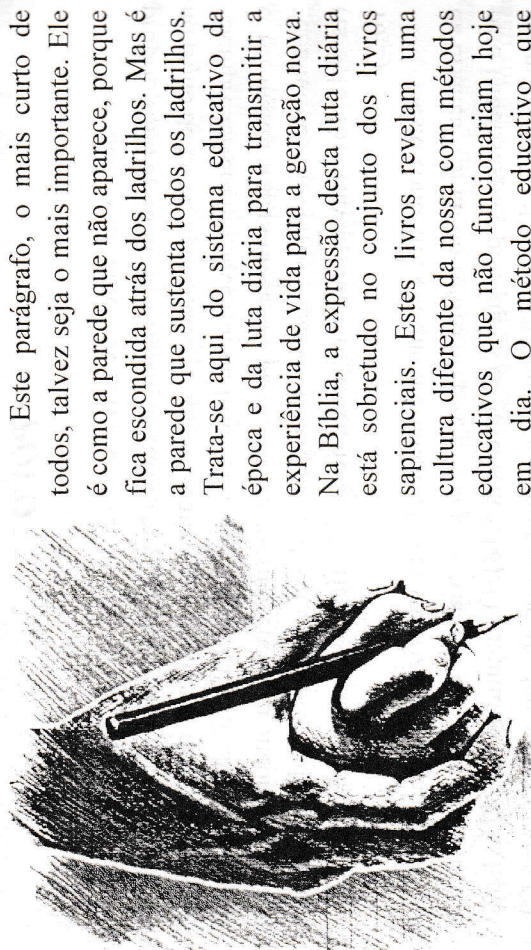
Estas sementes deram fruto sobretudo depois do exílio, época em que se acentuava a marginalização da mulher (cf Esd 9,1-2; 10,1-3). Ou seja, a resistência e a valorização da mulher cresceram sobretudo no período em que a sua marginalização era mais pesada. Vários livros sapienciais do período pós-exílico registram esta voz da oposição e da crescente resistência:

No Cântico dos Cânticos a mulher aparece como pessoa independente. Para poder encontrar seu amado, enfrenta os guardas da cidade (Ct 3,1-4; 5,2-8), o rival que a persegue (Ct 8,11-12), e os irmãos que querem protegê-la (Ct 8,8-10). O Cântico dos Cânticos reafirma a dignidade da mulher.

No livro de Rute, duas mulheres pobres, Noemi e Rute, ambas viúvas, das quais uma estrangeira, estão na origem da reconstrução do povo. São elas que tomam as iniciativas para reconquistar os direitos perdidos e para fazer observar a lei do resgate. É de uma estrangeira que nasce o avô do messias

No livro de Judite é uma mulher que contesta a decisão tomada pelos anciãos e sacerdotes. Sozinha, ela enfrenta o exército inimigo e consegue derrotar o general Holofernes, cortando-lhe a cabeça. No livro de Ester é novamente a mulher que se engaja na luta pela sobrevivência do povo. As terríveis palavras desumanas do Eclesiástico contra a mulher (Eclo 25,13-26; 42,12-14) talvez se expliquem pela ameaça que representava para o domínio dos homens a incipiente conscientização das mulheres, atestada no livro de Ester (Est 1,9-22, sobretudo vv 17 e 18).

7. A LUTA DIÁRIA NA EDUCAÇÃO



Este parágrafo, o mais curto de todos, talvez seja o mais importante. Ele é como a parede que não aparece, porque fica escondida atrás dos ladrilhos. Mas é a parede que sustenta todos os ladrilhos. Trata-se aqui do sistema educativo da época e da luta diária para transmitir a experiência de vida para a geração nova. Na Bíblia, a expressão desta luta diária está sobretudo no conjunto dos livros sapienciais. Estes livros revelam uma cultura diferente da nossa com métodos educativos que não funcionariam hoje em dia. O método educativo que transparece, por exemplo, no livro do Eclesiástico ou no livro dos Provérbios não pode ser copiado tal qual, sob pena de se criar traumas e neuroses. Mas o que deve permanecer é o seguinte:

1. A consciência de responsabilidade por parte dos adultos para com a nova geração;
2. O esforço de transmitir a experiência acumulada capacitando os jovens para que possam enfrentar a vida;
3. A organização das comunidades, o ambiente onde se fazia esta transmissão da vida;
4. A integração das gerações que garanta um acolhimento e uma transmissão harmoniosa;
5. O respeito pela vida de todos, fruto da fé em Javé, o Deus da vida.

8. O MESSIAS CRIANÇA CRIANÇA, SINAL E GARANTIA DE FUTURO PARA O POVO²

No Séc. VIII antes de Cristo, o rei Achaz (736-716), sacrificou seu próprio filho ao ídolo dos cananeus (2Rs 16,3). A nação ficou sem um sucessor no trono de Davi. Sem sucessor, não se realizaria a promessa de Deus que dizia: "Sempre haverá um sucessor no trono de Davi" (2Sm 7,12-13). Matando o filho, o rei matou a esperança do povo! Nessa mesma época, a incompetência dos "condutores do povo" estava trazendo a desgraça sobre toda a juventude (Is 9,15-16). Havia muita injustiça feita às crianças, aos órfãos (Is 1,17.23; 10,2).

Neste contexto, em que a criança não era valorizada, o profeta Isaías fez da criança o sinal do futuro do povo: "Eu e as crianças que Javé me deu somos para Israel sinais e presságios de Javé" (Is 8,18). Os capítulos 6 a 12 de Isaías, o assim chamado "Livro do Menino", e os nomes que ele deu a seus quatro filhos, são a expressão desta nova forma de esperança. Vejamos:

1. Shear Jashub

Quando o rei Acaz, no seu desespero, começou a reforçar as muralhas da cidade, achando que era nelas que estava a sua defesa, Isaías foi ao encontro dele, acompanhado pelo filho chamado *Shear-Yashub*, isto é, *Um resto voltará* (Is 7,3). Para o rei que, matando seu próprio filho, tinha matado o futuro da nação, o filho de Isaías era um sinal vivo de que haveria um futuro! O futuro do povo já não estava nas muralhas, nas armas ou no poder, mas sim na fraqueza de uma criança!

2. Emanuel

Em outra ocasião, naquela mesma situação de desespero, causada pela invasão de Judá pelos reis de Israel e de Damasco que queriam forçar Judá a entrar numa aliança contra Assíria, Isaías procurou o Rei Acaz para animá-lo a

² Muito me serviu o estudo de Milton Schuwantes, o messias criança, observações sobre Isaías 6 - 9 + 11, CEBI, 1987.

reagir contra o desânimo e contra a falta generalizada de fé. Diante da recusa do rei, o profeta reafirmou sua fé no futuro através de uma criança: "A moça vai conceber e dará à luz um filho! E você dará a esse menino o nome de *Emanuel-El*, isto é, *Deus-Conosco*" (Is 7,10-17). O menino que ia nascer era a prova de que Deus continuava com o povo, continuava sendo Javé! Uma criança sem poder desautorizava o poder descrente do Rei!

3. Maer Salal Has Bas

Nasceu outra criança para Isaías e Deus mandou dar como nome *Maer-Salal-Has-Bas*, isto é, *Pronto-Saque-Próxima-Pilhagem* (Is 8,1-4). Esta criança era sinal de que os reis invasores em breve seriam destruídos. Os planos dos adversários que metiam tanto medo ao rei de Israel, não tinham futuro, porque "Deus está conosco", "Ó Emanuel!" (Is 8,8.10). Uma criança fraca e sem defesa é sinal e prova da presença poderosa de Deus no meio do povo!

4. Maravilha

No fim, assim diz Isaías, "o povo que anda nas trevas viu uma grande luz, porque um filho nos foi dado" (Is 9,1.5). Nasceu outro menino e a este foi dado o nome de "*Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz!*" (Is 9,5). Este menino garantia a vinda da luz. Por isso mesmo, era fonte de muita alegria para o povo (Is 9,1-2).

5. Messias Criança

Por tudo isso, o profeta tem esperança de que, finalmente, "do tronco de Jessé vai nascer um menino" (Is 11,1), sobre o qual repousará o Espírito do Senhor com seus sete dons (Is 11,2-3). Esta criança vai julgar os fracos com justiça (Is 11,4). O futuro que assim nascerá é caracterizado da seguinte maneira: "Bezerro e leão pastarão juntos, e um *menino* os guiará. O *bebê* brincará no buraco da cobra venenosa e a *criancinha* enfiará a mão no esconderijo da serpente" (Is 11,6.8). E na imagem do futuro do novo céu e da nova terra, já não haverá mortalidade infantil (Is 65,20). Os meninos vão morrer aos cem anos de idade (Is 65,20).

9.

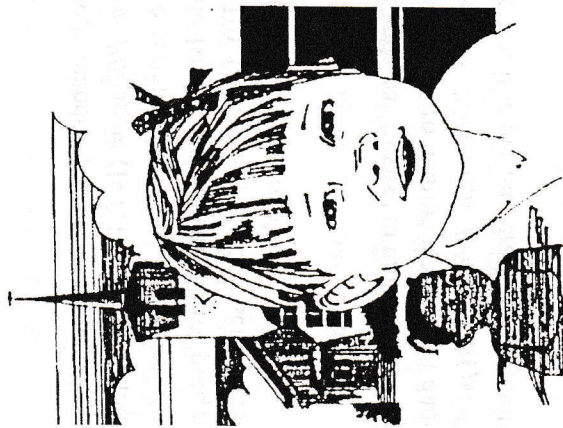
O PONTO DE CHEGADA A CRIANÇA NÃO É PROBLEMA. ELA É A SOLUÇÃO!

Neste mesmo contexto de Isaías 6 a 12 deve ser situado o livro de Rute, onde tudo recomeça com o nascimento da criança. Quem vai redimir o povo é a criança, acolhida pela comunidade em clima de festa (Rt 4,13-17). O seu nome revela a missão do povo: ser *Obed*, ser servo, ser Luz das nações.

Neste mesmo contexto de Isaías 6 a 12 deve ser situado o livro de Rute, onde tudo recomeça com o nascimento da criança. Quem vai redimir o povo é a criança, acolhida pela comunidade em clima de festa (Rt 4,13-17). O seu nome revela a missão do povo: ser *Obed*, ser servo, ser Luz das nações.

O casal Elimelek e Noemi, forçado pela fome, abandona sua terra e migra para um outro país (Rt 1,1). Os nomes dos filhos, *Maalon* e *Quelion*, isto é, *Doença* e *Fraqueza* (Rt 1, 2), revelam a situação de abandono em que se encontra a juventude. Vivendo no estrangeiro, os dois filhos se casam com mulheres de lá. Pouco depois, eles morrem sem deixar filhos (Rt 1,4-5). Sobram três viúvas, as três sem filhos, sem terra e, dentro das possibilidades legais da época, sem futuro. Pois, não tinham condições de terem um herdeiro. Elas são a imagem da situação do povo da época.

Ora, neste deserto total, a renovação só recomeça, quando Noemi "*soube que Deus visitara seu povo dando-lhe pão*" (Rt 1,6). O que levou a recomeçar a caminhada foram a *visita de Deus* e a *certeza do pão*. Como na história das parteiras, é a fé em Deus e o amor à vida, expresso no desejo de ter pão, que



mantém Noemi e Rute na caminhada até o nascimento do Menino, chamado Obed, isto é, Servidor, que deu nova esperança ao povo (Rt 4,13-17).

Raiz, consequência e expressão desta nova esperança é a experiência de Deus que apareceu no grupo dos discípulos e das discípulas de Isaías na época do exílio. Deus é como mãe que não esquece seus filhos. E mesmo que esquecesse, Javé nunca esquecerá (Is 49,15-16). Deus carregou o povo desde o seio, desde o berço (Is 46,3). O povo será amamentado e saciado pelo seio consolador de Javé. Será acariciada sobre os joelhos. Como a mãe consola, assim Deus o consolará (Is 66,11-13). Aqui, a criança não é problema, ela é a solução!

10.

JESUS CRIANÇA “ESTE MENINO SERÁ UM SINAL DE CONTRADIÇÃO”

A preocupação dos evangelhos da infância de Mateus e Lucas é apresentar Jesus como aquele que vem refazer a história do povo de Deus e realizar as promessas.

Quando Jesus nasce, **nasce o redentor, o salvador do povo** (Lc 2,11), aquele que estava sendo esperado. Mas **nasce ignorado**, abandonado pelo próprio povo. Só aparecem pastores (Lc 2,16) e estrangeiros (Mt 2,9-11) para visitá-lo. Ele **nasce fraco e marginalizado**, fora de casa, vítima do sistema pessoal do império romano, cujo censo só visava garantir a cobrança dos impostos (Lc 2,1-3). Muito provavelmente, **nasce filho de migrantes**, de gente que, no século anterior, teve de sair da Judéia no Sul e que agora vivia fora de sua terra. José não era de Nazaré, mas sim de Belém na Judéia (Lc 2,4). Como Moisés, Jesus **nasce ameaçado**, mas Deus o defende (Mt 2,13). O massacre das crianças de Belém é fruto do medo do poder que se sente ameaçado pelas crianças (Mt 2,16). Até hoje, Herodes está vivo e massacra as crianças na Candelária.

A infância de Jesus é marcada pela violência. É um dos períodos mais violentos da história da Palestina. Jesus cresce em sabedoria, tamanho e idade diante de Deus e dos homens, isto é, ele vive integrado na comunidade. Foi o que o salvou. Aos 12 anos, é integrado como membro pleno dentro da comunidade e começa a participar das romarias (Lc 2,41). Aprende a profissão do pai e serve ao povo como carpinteiro. Ao mesmo tempo trabalha na roça e é obrigado a pagar imposto como todo mundo. A escola de Jesus foi a escola de todos os meninos da época: os pais: Maria e José; a sinagoga, a comunidade, onde aprende a história do seu povo; a situação dos pobres: sua fé, seus sofrimentos, sua luta; a Bíblia e os Salmos; a Oração: o contato com o Pai.

11.

A DESINTEGRAÇÃO DO TECIDO SOCIAL NA GALILÉIA DO TEMPO DE JESUS

No antigo Israel, o clã, isto é, a grande família (a comunidade), era a base da convivência social. Era a proteção das famílias e das pessoas, a garantia da posse da terra, o veículo principal da tradição, a defesa da identidade. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor de Deus no amor ao próximo. Sua expressão mais bonita é a lei do *Go'él* ou do resgate (Lv 25,23-55). Defender o clã era o mesmo que defender a Aliança.

Na Galiléia do tempo de Jesus, por causa do sistema implantado pela política helenista do governo de Herodes Antipas (4 aC a 39 dC), tudo isto já não existia mais, ou cada vez menos. O clã estava enfraquecendo. Já não conseguia realizar o seu objetivo³. A necessidade de comer e de sobreviver obrigava o povo a pagar o imposto tanto ao governo como ao templo, a endividar-se, a procurar emprego, a comprar mercadoria, a acolher os soldados e dar-lhes hospedagem, etc. A mentalidade individualista da ideologia helenista, as freqüentes ameaças de repressão violenta por parte dos romanos e os problemas cada vez maiores de sobrevivência levavam as famílias a se fecharem dentro das suas próprias necessidades. Na prática, o clã deixou de existir como fator de união e de defesa das pessoas e das famílias. Em caso de doença, pragas, má colheita ou outros desastres, as famílias e os indivíduos ficavam sem ajuda, sem *Go'él*. A família, agora desprotegida, deixou de ser um lugar de acolhimento e de partilha e tornou-se fator de exclusão e de marginalização dos mais fracos. A única segurança dos pobres era o clã. E era exatamente esta segurança, que estava faltando. Aquilo que devia ser remédio, acabou sendo ameaça à saúde!

Este enfraquecimento dos valores tradicionais (clã, partilha, organização das aldeias, posse comunitária da terra, função do *go'él*) transparece nas

³ Em "Com Jesus na contra mão" analisamos as causas políticas e econômicas que levaram a este enfraquecimento do clã, pp. 35-42.

parábolas que Jesus contava para o povo. Por exemplo: O dono de terra se apropria dos bens dos seus empregados e exige deles mais do que pode e deve (Mt 25, 26). Os trabalhadores desempregados à espera de um biscoito (Mt 20,1-6). O patrão que mora longe, deixa tudo entregue ao caseiro ou ao meeiro (Mt 21,33). O clima de violência e de revolta entre os empregados (Mt 21,35-38). O povo, cheio de dívidas e sem *Gó'él*, é ameaçado de ser escravizado (Mt 18, 23-26). O desespero leva o pobre a explorar o próprio companheiro (Mt 18,27-30; Mt 24,48s). A insegurança das estradas por causa dos assaltos (Lc 10,30). Funcionários corruptos se enriquecem e se beneficiam com os bens dos outros (Lc 16,1-7). Riqueza que ofende os pobres (Lc 16,19-21).

A atitude de fechamento das famílias, causada pela política do Governo, era reforçada pela ideologia religiosa. O peso do Templo e da lei contribuíam para enfraquecer a força integradora do clã. Por exemplo, quem dedicava sua herança ao Templo podia deixar seus pais sem ajuda. Já não era obrigado a observar o quarto mandamento que era a espinha dorsal do clã (Mc 7,8-13). A insistência na lei do Sábado deixava o povo sem defesa e sem ajuda (Lc 13,10-17). A observância das normas de pureza e a preocupação com a genealogia eram fatores de marginalização e de exclusão para muita gente: mulheres, crianças, samaritanos, estrangeiros, leprosos, possesores, publicanos, doentes, mutilados, paraplégicos. Sobre tudo os pobres que não tinham condições de conhecer nem de observar todas aquelas normas (Jo 7, 49). Assim, tanto a conjuntura política e econômica como a ideologia religiosa, tudo conspirava para desintegrar o clã, deixar sem força a comunidade local e, portanto, impedir a manifestação do Reino.

Nos evangelhos transparece como a desintegração do clã repercutia nas crianças, nos pequenos.⁴ Por exemplo: havia o “escândalo dos pequenos” (Lc 17,1-2; Mt 18,6-8; Mc 9,42). *Escândalo* indica uma ruptura. Ser motivo de *escândalo* para gente pequena significava ser a causa pela qual os pequenos perdiam a fé em Deus ou se desviavam do bom caminho. Jesus dizia: “Ai do mundo por causa dos escândalos! É inevitável que haja escândalos! Mas ai do homem pelo qual o escândalo vem!” (Mt 18,7; Lc 17, 1). Com outras palavras, a

⁴ A expressão “pequenos” (ελαχίστοι, mikroi e nepioi), às vezes, indica “criança”, outras vezes, indica os setores excluídos da sociedade. Não é fácil discernir. Às vezes, o que é “pequeno” num evangelho, é “criança” no outro. Criança pertencida à categoria dos “pequenos”, dos excluídos. Além disso, nem sempre é fácil discernir entre o que vem do tempo de Jesus e o que do tempo das comunidades para as quais foram escritos os evangelhos. Mesmo assim, o que resulta claro é a imagem que as primeiras comunidades se faziam de Jesus, e o contexto de exclusão que vigorava na época.

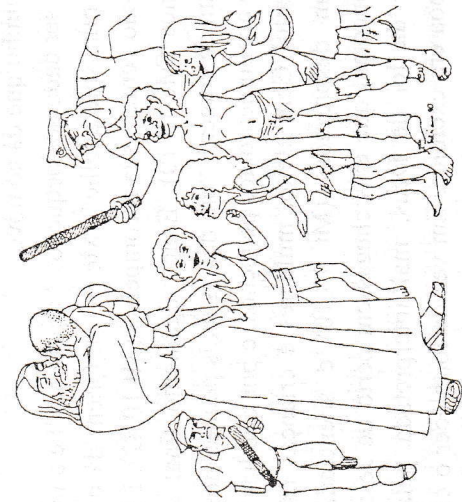
situação do mundo, isto é, do sistema, era tal que muita gente pequena já não tinha condições de crer em Deus por causa do testemunho contrário dado pela sociedade que se dizia praticante (cf. Rm 2,24). Mesmo considerando o escândalo como inevitável, Jesus não é fatalista. Pelo contrário! Acusa o sistema e o responsabiliza pelo contra-testemunho que dá ao povo.

Jesus insiste no acolhimento a ser dado aos pequenos. “Quem acolhe a um destes pequenos em meu nome é a mim que acolhe” (Mc 9,37). Quem dá um copo de água a um destes pequenos não perderá sua recompensa (Mt 10,42). Ele pede para não desprezar os pequenos (Mt 18,10). E no julgamento final os justos vão ser recebidos porque deram de comer a “um destes mais pequeninos” (Mt 25,40). Se Jesus insiste tanto no acolhimento aos pequenos, é por que havia muita gente pequena sem acolhimento! Com efeito, mulheres e crianças não contavam (Mt 14,21; 15,38), eram desprezadas (Mt 18,10) e silenciadas (Mt 21,15-16). Até os apóstolos impediam que elas chegassem perto de Jesus (Mt 19,13; Mc 10,14). Em nome da lei de Deus, mal interpretada pelas autoridades religiosas, muita gente boa era excluída. Em vez de fortalecer o clã e acolher os excluídos, a lei era usada para legitimar a exclusão.

Para o futuro, para os tempos do Messias, antes da vinda do grande Dia de Javé, o povo esperava que o profeta Elias viesse “reconduzir o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais” (MI 3,24) e, assim, “restabelecer as tribos de Jacó” (Eclo 48,10). Esperavam que o clã fosse reconstruído. Sem a reconstrução da *casa*, do clã, da comunidade, o povo estaria ameaçado de desintegração total (MI 3,24). Com a vinda de João Batista a esperança começa a realizar-se (Lc 1,17).

Concluindo, na terra de Jesus, o sistema tanto político como religioso era tão opressor, que impedia o povo de observar a lei de Deus que dizia: “entre vocês não haja pobres!” (Dt 15,4) A religião, do jeito que era organizada e praticada, tornou-se motivo de exclusão de um número cada vez maior de pessoas. Este era o escândalo! “Por vossa causa o Nome de Deus está sendo blasfemado” (Rm 2, 24). “Ai do mundo por causa do escândalo” (Mt 18,7), pois “o Pai não quer que um destes pequeninos se perca” (Mt 18,14). Na sua ação em defesa da vida da criança e dos pequenos, Jesus vai revelar a vontade do Pai.

JESUS ACOLHE E DEFENDE A VIDA DOS PEQUENOS



A nova experiência de Deus como Pai marcou a vida de Jesus e lhe deu olhos novos para perceber e avaliar a realidade que o envolvia. No Antigo Testamento Deus é chamado Pai 15 vezes. No Novo Testamento, 245 vezes! Jesus se coloca do lado dos pequenos, dos excluídos, e assume a sua defesa. Impressiona quando se junta tudo que Jesus fez em defesa da vida das crianças, dos pequenos:

1. Acolher e não escandalizar. Uma das palavras mais duras de Jesus é contra os que causam *escândalo* nos pequenos, isto é, são o motivo pelo qual os pequenos deixam de acreditar em Deus. Para estes, melhor seria ter uma pedra de moinho amarrada no pescoço e ser jogado nas profundezas do mar (Lc 17,1-2; Mt 18,5-7). Jesus condena o sistema, tanto político como religioso, que é motivo de criança, gente humilde, perder sua fé em Deus.

2. Acolher e tocar. Mães com crianças chegam perto de Jesus para pedir a bênção. Os apóstolos reagem e as afastam. Jesus corrige os adultos e acolhe as mães com as crianças. *Toca* nelas e lhes dá um abraço. “Deixem vir as crianças, não as impeçam!” (Mc 10,13-16; Mt 19,13-15). Dentro das normas da época, tanto as mães como as crianças pequenas, todas elas viviam, praticamente, num estado permanente de impureza legal. Tocar nelas significava contrair impureza! Jesus não se incomoda.

3. Tornar-se como criança. Jesus pede que os discípulos se tornem como criança e aceitem o Reino como criança. Sem isso não é possível entrar no Reino (Lc 9,46-48). Ele coloca a criança como professor de adulto! O que não era normal. Costumamos fazer o contrário.

4. Identificar-se com os pequenos. Jesus abraça as crianças e identifica-se com elas. Quem recebe uma criança, é a Jesus que recebe (Mc 9,37). “E tudo que vocês fizerem a um destes mais pequenos foi a mim que o fizeram” (Mt 25,40).

5. Defender o direito de gritar. Quando Jesus, entrando no Templo, derruba as mesas dos cambistas, são as crianças as que mais gritam. “Hosana ao filho de Davi!” (Mt 21,15). Criticadas pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, Jesus as defende e em sua defesa invoca as Escrituras (Mt 21,16).

6. Agradecer pelo Reino presente nos pequenos. A alegria de Jesus é grande, quando percebe que as crianças, os pequenos, entendem as coisas do Reino que ele anunciava ao povo. “Pai, eu te agradeço!” (Mt 11,25-26) Jesus reconhece que os pequenos entendem mais do Reino que os doutores!

7. Acolher e curar. São muitas as crianças e jovens que ele acolhe, cura ou ressuscita: a filha do Jairo de 12 anos (Mc 5,41-42), a filha da mulher cananéia (Mc 7,29-30), o filho da viúva de Naim (Lc 7,14-15), o menino epilético (Mc 9,25-26), o filho do Centurião (Lc 7,9-10), o filho do funcionário público (Jo 4,50), o menino dos cinco pães e dois peixes (Jo 6,9).

Convém mudar o esquema mental com que recebemos a imagem de Jesus com seus doze discípulos. Geralmente, a idéia que temos dos apóstolos é de gente adulta, já velha, sempre de barba. De fato, Pedro era casado. Mas eles devem ter sido jovens na sua maior parte (Mt 19,20). Jesus aos seus trinta anos de idade talvez fosse o mais velho da turma.

13.

O CONTEXTO DA AÇÃO DE JESUS



O anúncio da Boa Nova do Reino não se reduz a dar acolhida aos *pequenos*. Na época do Novo Testamento, a marginalização da mulher era um dos fatores principais a causar a exclusão dos *pequenos*. A mulher vivia marginalizada pelo simples fato de ser mulher (cf. Lv 15,19-27; 12, 1-5). Na sinagoga não participava, na vida pública não podia ser testemunha. Muitas mulheres, porém, resistiam contra a exclusão. Já desde os tempos de Esdras, no período depois do exílio, quando a marginalização da mulher era mais pesada, sua resistência vinha crescendo, como transparece nas histórias de Judite, Ester, Rute, Noemi, Suzana e da Sulamita. Esta resistência encontrou eco e acolhida

em Jesus. Eis alguns episódios em que transparecem a resistência das mulheres e o acolhimento que Jesus lhes dava.

A moça *prostituída* tem coragem de desafiar as normas da sociedade e da religião. Ela entra na casa do fariseu para encontrar-se com Jesus. Encontrando-o encontra amor e perdão e recebe defesa contra o fariseu (Lc 7,36-50). A mulher *encurvada* não se importa com os gritos do dirigente da sinagoga. Busca a cura, mesmo em dia de sábado. Ela é acolhida por Jesus como filha e defendida contra o dirigente da sinagoga (Lc 13, 10-17). A senhora considerada *impura* por causa do fluxo de sangue, tem a coragem de meter-se no meio da multidão e de pensar exatamente o contrário da doutrina oficial. A doutrina dizia: "Se eu tocar nele, ele ficará impuro!" Mas ela dizia: "Se eu tocar nele, ficarei curada!" Ela é acolhida sem censura e curada. Jesus declara que a cura é fruto da fé (Mc 5,25-34). A Samaritana, desprezada como *herética*, tem coragem de interpelar Jesus e de mudar o rumo da conversa por ele iniciada. Ela é a primeira a receber o segredo de que Jesus é o Messias (Jo 4,26). A mulher *estrangeira* da região de Tiro e Sidônia não aceita a sua exclusão e sabe argumentar de tal maneira que consegue mudar a cabeça de Jesus e ser atendida por ele (Mc 7, 24-30). As *mães com filhos pequenos* enfrentam os discípulos e são acolhidas e abençoadas por Jesus (Mt 19,13-15). As mulheres que desafiaram o poder e ficaram perto da cruz de Jesus (Mt 27,55-56.61), foram as primeiras a experimentar a presença de Jesus ressuscitado (Mt 28,9-10). Entre elas estava Maria Madalena, considerada *possessa*, mas curada por Jesus (Lc 8,2). Ela recebeu a *Ordem* de transmitir a Boa Nova da ressurreição aos apóstolos (Jo 20,16-18).

Criança abandonada era apenas uma das muitas categorias de gente marginalizada. Jesus recebe como irmão e irmã todos aqueles a quem a religião e o governo desprezavam e excluía: mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32; Mt 8,17; 19,13-15; Lc 8,2), prostitutas e pecadores (Mt 21,31-32; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11), pagãos e samaritanos (Lc 7,2-10; 17,16; Mc 7,24-30; Jo 4, 7-42), leprosos e possesos (Mt 8,2-4; Lc 17,12-14; 11,14-22; Mc 1,25-26), publicanos e soldados (Lc 18, 9-14; 19,1-10) e os pobres, o povo da terra sem poder (Mt 5,3; Lc 6,20,24; Mt 11, 25-26). Assim, a semente do Reino vai produzindo seu fruto, "restabelecendo as tribos de Jacó".

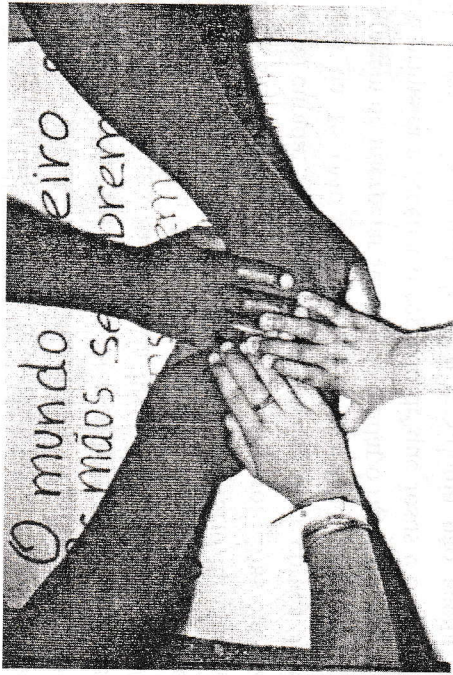
14.

UMA NOVA AÇÃO MISSIONÁRIA

No tempo de Jesus havia vários movimentos que procuravam uma nova maneira de viver e conviver: essênios, fariseus e, mais tarde, os zelotes. Muitos deles formavam comunidades de discípulos e tinham seus missionários

(Mt 23,15). Quando iam em missão, iam prevenidos. Levavam sacola e dinheiro para cuidar da sua própria comida. Não podiam confiar na comida do povo que nem sempre era ritualmente "pura". As normas da pureza dificultavam a partilha e a hospitalidade.

Ao contrário dos outros missionários, os discípulos e as discípulas de Jesus não podem levar nada, nem bolsa, nem sacola, nem ouro nem prata, nem cobre, nem dinheiro, nem bastão, nem cajado, nem sandálias, nem sequer duas túnicas. Devem ficar hospedados na primeira casa em que forem acolhidos em paz, e comer o que o povo oferece. Não podem andar de casa em casa, mas devem conviver de maneira estável e, em troca, recebem sustento, "pois o operário merece o seu salário". Com outras palavras, eles participam da vida e do trabalho do povo, e o povo os acolhe e partilha com eles casa e comida. Como tarefa especial devem cuidar dos excluídos: doentes, possessos, leprosos. Caso todas estas exigências forem preenchidas, podem gritar aos quatro ventos: "O Reino chegou!" (cf. Lc 10,1-12; 9,1-6; Mc 6,7-13; Mt 10,6-16).



Esta ação missionária implica no seguinte:

- * Ir sem nada. Isto é, devem confiar na **hospitalidade** (Lc 9,4; 10,5-6). O missionário vai sem nada, porque confia no povo. Acredita que vai ser recebido.
- * Não levar sua própria comida, mas comer o que o povo lhes dá. Isto é, devem aceitar a **comunhão de mesa**. Não devem ter medo de perder a pureza no contato com o povo.
- * Não andar de casa em casa, mas conviver de maneira estável. Isto é, devem integrar-se na vida e no trabalho da comunidade local, no clã, e confiar na **partilha**.
- * Tratar dos doentes, curar os leprosos, expulsar os demônios (Lc 10,9; Mt 10,8). Isto é, devem exercer a função do **Go'el** e acolher para dentro do clã os que vivem excluídos.
- * Com esta atitude os discípulos e as discípulas de Jesus criticam as leis excludentes da pureza e reforçam a partilha, a comunhão de mesa, a hospitalidade e a função do **Go'el**, que eram a base da vida comunitária no clã. O objetivo principal da sua missão não é anunciar uma doutrina, mas sim testemunhar uma nova maneira de viver e conviver. Devem recriar e reforçar a comunidade local, o clã, a "casa", para que possa ser novamente uma expressão da Aliança, do Reino, do amor de Deus como Pai que faz de todos irmãos e irmãs.

Às vezes, a maneira de realizar esta missão assume formas surpreendentes. Por exemplo, nas aldeias da Galiléia, alguns escribas e fariseus eram funcionários do governo de Herodes como professores, juizes e fiscais. Tinham os mesmos vícios da elite de Herodes: amor ao dinheiro, exploração do povo e dominação autoritária. Jesus critica-os fortemente (cf. Mc 12,40; Lc 20,45-47; 11,43; Mt 23,6-7). Ao mesmo tempo, porém, ele atrai funcionários do governo. Por ex.: chama um publicano para ser da sua comunidade (Mc 2, 13-14). Provoca a conversão do publicano Zaqueu que devolve quatro vezes o que roubou e chega a dar a metade dos seus bens aos pobres (Lc 19,8)⁵. Come na casa de publicanos e pecadores (Mc 2,15). Acolhe o pedido de um chefe de sinagoga (Mc 5, 22), de um centurião (Lc 7,2), de um funcionário do

⁵ Devolver quatro vezes o que roubou nada mais era que observar a lei (cf. Ex.: 21, 37; 2Sm 12,6). Dar a metade dos bens aos pobres era ir além da lei. Pois a justiça do Reino deve ir além da justiça dos fariseus e escribas (Mt 5,20)

rei (Jo 4,46), dos próprios anciãos judeus (Lc 7,3-5) e de uma prostituta (Lc 7,39). Crítica e acolhe ao mesmo tempo. Como entender esta ação de Jesus?

Agindo assim, ele desestabiliza a força de penetração tanto do Governo como da ideologia religiosa junto do povo. Nas aldeias da Galiléia, o controle social era muito rígido. Era muito difícil, quase impossível, alguém do povo criar um movimento de renovação ou de oposição. Ele seria devorado como “cordeiro no meio de lobos” (Lc 10,3). Ora, relativizando pela crítica a autoridade de escribas e fariseus e atraindo para o seu lado pessoas que, em nível local, eram a autoridade, representantes do governo, Jesus cria um espaço de liberdade, onde é possível realizar um novo tipo de convivência de acordo com a Boa Nova do Reino, sem perigo de ser logo esmagado ou eliminado. Ele recria o espaço para o povo poder reconstruir o clã, a vida comunitária, e retomar os valores como a hospitalidade, a partilha, a comunhão de mesa e a função de *Go'él*.

15.

ABANDONAR OS PAIS, AMAR OS PAIS

Uma das coisas em que Jesus mais insiste junto aos que querem segui-lo é abandonar pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs, casa, terra, abandonar tudo por amor a Ele e ao Evangelho (Lc 18, 29; Mt 19,29; Mc 10,29). Manda até “odiar pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs. Do contrário não pode ser meu discípulo” (Lc 14,28). E ele dirige suas exigências não para alguns mais esforçados, mas para *todos* que querem segui-lo (Lc 14,25-26,33). Jesus parece querer desfazer a família. Por outro lado, ataca os fariseus pelo fato de eles, em nome da Tradição dos Antigos, desfazerem o quarto mandamento que manda honrar os pais (Mc 7,8-13). Ele ensina que, para entrar na vida eterna, se deve observar os mandamentos e enumerar explicitamente o quarto mandamento (Mc 10, 17-19). Ele mesmo foi obediente aos pais (Lc 2,51). Então, o que significam aquelas exigências tão severas que parecem querer desmantelar todo e qualquer vínculo de vida familiar?

Em primeiro lugar, significam o que dizem: o discípulo ou a discípula deve abandonar a família, largar tudo e assumir uma vida itinerante. Esta foi a vida de Jesus e do grupo de seus discípulos. “Nós abandonamos tudo e te seguimos!” (Mc 10,28). Foi também a vida das mulheres que o acompanhavam desde a Galiléia (Mc 15,41; Lc 8,1-3; 23,49). Mas esta não foi a vida das multidões às quais Jesus tinha feito o *mesmo* convite. Não é possível imaginar



que Jesus tenha exigido que todos os homens e mulheres do interior da Galiléia abandonassem suas famílias, suas terras e suas aldeias para segui-lo. Aliás, isto não aconteceu, a não ser com o pequeno grupo de seguidores e seguidoras.

A exigência de abandonar a família, quando colocada dentro do contexto da época, revela ainda um outro significado, bem mais fundamental. Como vimos anteriormente, através da política do governo de Herodes Antipas, apoiada pelo império romano, a ideologia personalista do helenismo infiltrava-se na convivência diária aumentando o individualismo. A prática da pureza ritual levava a desprezar e a excluir as pessoas e as famílias que viviam na impureza legal. O contexto econômico, social, político e religioso favorecia o fechamento das famílias sobre si mesmas e enfraquecia o clã. Ou seja, a preocupação com os problemas da própria família impedia as pessoas de se unirem em comunidade. Impedia o clã de realizar o objetivo para o qual foi criado, a saber, oferecer uma proteção real e verdadeira às famílias e às pessoas, preservar a identidade, defender a posse da terra, impedir a exclusão e acolher os excluídos e os pobres. Ora, para que o Reino de Deus pudesse manifestar-se, novamente na convivência, era necessário romper este círculo vicioso. As pessoas tinham de ultrapassar os limites estreitos da pequena família e abrir-se para a grande família, para a Comunidade.

Jesus mesmo deu o exemplo. Quando sua própria família tentou apoderar-se dele, reagiu e disse: "Quem é minha mãe e meus irmãos?" E olhando para os que estavam sentados ao seu redor, disse: "Eis a minha mãe e os meus irmãos! Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mc 3,33-35). Alargou a família. Criou comunidade. As pessoas que ele atraía e chamava eram os pobres, os excluídos (Lc 4,18; Mt 11,25). Ele pedia o mesmo de todos que queriam segui-lo. As famílias não podem fechar-se. Os excluídos e os marginalizados deviam ser acolhidos, novamente, dentro da convivência e, assim, sentir-se acolhidos por Deus (cf Lc 14,12-14). Este era o caminho para realizar o objetivo da Lei que dizia: "Entre vocês não pode haver pobres" (Dt 15,4).

Jesus tenta reverter o processo de desintegração do clã. Como os grandes profetas do passado, procura reforçar a vida comunitária nas aldeias da Galiléia. Ele retoma o sentido profundo do clã, da família, da comunidade, como expressão da encarnação do amor de Deus no amor ao próximo. Por isso pede a quem quer ser discípulo ou discípula, que abandone pai, mãe, mulher, irmão, irmã, casa, tudo! Devem perder a vida para poder possuí-la! E ele garante: **"Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs,**

mãe, pai, filhos ou terras por minha causa ou por causa do Evangelho, que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguição, e no mundo futuro a vida eterna" (Mc 10,29-30).

Realmente, quem tem a coragem de romper o círculo estreito da sua própria família, reencontrará, dentro do clã, dentro da comunidade, cem vezes tudo aquilo que abandonou: irmão, irmã, mãe, filho, terra! Jesus realiza aquilo que o povo esperava para os tempos messiânicos: reconduzir o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais, reconstruir o clã, refazer o tecido social.

Esta mensagem não é uma mensagem que todos aceitam sem mais. Pelo contrário, na mesma medida em que Jesus combate o fechamento das famílias e a influência nefasta da ideologia do governo helenista e da religião ritualista, nesta mesma medida surgem tensões e conflitos. A mensagem provoca resistência, perseguição e divisão dentro das próprias famílias: pai contra filho, mãe contra filha, sogra contra nora (Lc 12,51-52). Uns aceitam e outros rejeitam. Jesus se torna um sinal de contradição (Lc 2,34).

Jesus foi o *Go'él* do povo. Um dos títulos mais antigos e mais bonitos que os primeiros cristãos usaram para interpretar e traduzir a Boa Nova que Jesus lhes anunciava foi o de *Go'él*, isto é, salvador, redentor, libertador, advogado, paráclito, defensor, consolador, irmão mais velho, padrinho (cf. Lc 2,11; Jo 4,42; At 5,31; 13,23; Ef 5,23; etc). Jesus é o parente mais próximo que veio cumprir o seu dever de defensor dos direitos do clã, da comunidade. "Ele me amou e se entregou por mim!" (Gl 2,20). Veio ajudar seus irmãos para que pudessem viver novamente em fraternidade. Veio restaurar a convivência do jeito que Deus a quis quando chamou o seu povo do Egito. Se Deus é Pai, então todos temos que viver como irmãos e irmãs.

BIBLIOGRAFIA

Livros consultados ou que podem ser lidos para aprofundar este assunto:

1. M. GOODMAN, A Classe dirigente da Judéia, As origens da revolta judaica contra Romam 60-70 dC, Imago, Rio de Janeiro, 1994
2. H.MOXNES, A Economia do Reino, Conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas, Paulus, São Paulo, 1995
3. H.G. KIPPENBERG, Religião e formação de classe na antiga Judéia, Ed.Paulinas, São Paulo, 1989
4. A.C.O., Jesus, sua terra, sua proposta, ACO, Rio de Janeiro, 1990
5. G.THEISSEN, A sombra do Galileu, Vozes, Petrópolis, 1988
6. G.THEISSEN, Sociologia do movimento de Jesus,
7. S. SAULNIER e B. ROLAND, A Palestina no tempo de Jesus, Paulinas, São Paulo, 1986
8. E. MORIN, Jesus e as estruturas do seu tempo, Paulinas, São Paulo, 1984
9. M.VOLKMANN, Jesus e o Templo, Sinodal, São Leopoldo, 1992
10. A.NOLAN, Jesus antes do cristianismo,
11. J.D. CROSSAN, O Jesus Histórico, A vida de um camponês judeu do mediterrâneo, Imago, Rio de Janeiro, 1994, 2ª edição
12. E. HOORNAERT, O Movimento de Jesus, Vozes, Petrópolis, 1994
13. J. JEREMIAS, Jerusalém no tempo de Jesus, Paulinas, São Paulo, 1983
14. M. SCHWANTES, O Messias Criança, Observações sobre Isaías 69+11, CEBI, São Leopoldo, 1987
15. J.SOBRIÑO, Jesus, o libertador, Vozes, Petrópolis,
16. LÉLIA Y. SBRANA, Justiça do órfão, um ensaio sobre o órfão na profecia a partir de Isaías 1,10-17, Faculdade de Teologia N.Sra da Assunção, São Paulo, 1994
17. A.M.TEPEDINO, As Discípulas de Jesus, Petrópolis, Vozes, 1990
18. U.SEIBERT-QUADRA, A mulher nos evangelhos sinóticos, RIBLA 15(1993)68-84

OBRAS DO AUTOR

1. Sobre a defesa da vida e da criança no AT e NT, São Paulo, Pro-menor.
2. Olhar no Espelho da Vida, CEBI.
3. Entre nós está e não o conhecemos, Ed. Paulinas.
4. Caminhamos na estrada de Jesus, Ed. Paulinas.
5. Com Jesus na Contramão, Ed. Paulinas.
6. Paulo Apóstolo, um trabalhador que anunciou o evangelho, Paulus.
7. O Profeta Jeremias, Ed. Paulus.
8. Deus, onde estás, Ed. Vozes.
9. A missão do povo que sofre, Ed. Vozes
10. Abraão e Sara, Ed. Vozes.
11. Maria, a mãe de Jesus, Ed. Vozes.
12. Apocalipse, a esperança de um povo que luta, Ed. Paulus.
13. Rute, uma história da Bíblia, Ed. Paulus.
14. O profeta Elias, junto com W. Grünh, Ed. Paulus.
15. Bíblia, livro feito em mutirão, Ed. Paulus.
16. Bíblia, livro da Aliança, Ed. Paulus.
17. Seis dias nos porões da humanidade, Ed. Vozes.
18. Quarenta Círculos da Bíblia, Ed. Vozes.
19. Palavra de Deus na história dos homens, 1º volume, Ed. Vozes.
20. Palavra de Deus na história dos homens, 2º volume, Ed. Vozes.
21. Paraíso terrestre: saudade ou esperança?, Ed. Vozes.
22. Por trás das palavras, Ed. Vozes.
23. Flor sem defesa, Ed. Vozes.
24. Rezar os Salmos hoje, Ed. Duas Cidades.
25. Fazer arder o coração, Curitiba, Ed. Carmo.
26. A Caminhada do profeta Elias, Curitiba, Ed. Carmo.
27. Um projeto de Deus, Ed. Paulinas.
28. Os Dez Mandamentos, Ed. Paulus.
30. O Rio dos Salmos: das nascentes ao mar, CEBI.
31. Balança de Vinte anos. Bíblia lida pelo povo, CEBI.
32. Uma entrevista com o Apóstolo Paulo, CEBI.
33. A Bíblia na Nova Evangelização, CEBI.
34. Profeta, Saudade e Esperança (com Milton Schwantes), CEBI.
35. Os profetas e a saudade do povo, CEBI.
36. A espiritualidade que animou São Paulo, Curitiba, Ed. Carmo.